

# PROGRAMA E CADERNO DE RESUMOS



**VI SEMANA ACADÊMICA E CIENTÍFICA**

**CULTURA  
AFRO-BRASILEIRA  
E INDÍGENA  
NA AMAZÔNIA:**

**EDUCAÇÃO,  
SAÚDE E  
ECONOMIA.**

**14 A 16 / MAIO**

**LOCAL**  
**PRIMEIRA IGREJA BATISTA**

**INSCRIÇÕES**  
**20/03 A 12/05**  
**SECRETARIA DA FAP**

**INFORMAÇÕES**  
**(69) 3451-4100**  
**SEMANACIENTIFICA@FAPB.EDU.BR**

> transformando pela educação

 **FAP**

**Faculdade de Pimenta Bueno**

**2018**

## **INSTITUIÇÕES ORGANIZADORAS**

### **Faculdade de Pimenta Bueno – FAP**

Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Enfermagem,  
Pedagogia, Psicologia.

### **GRUPO ATHENAS EDUCACIONAL**

#### **COMISSÃO ORGANIZADORA**

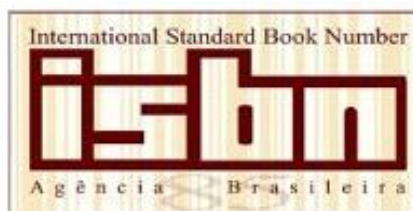
Me. Eliene Alves Ferreira (FAP)  
Esp. Fabiana Waterkemper (FAP)  
Esp. Mayza Cristina Wecchy e Silva (FAP)  
Me. Mirivan Carneiro Rios (FAP)  
Esp. Silas Rosa Junior (FAP)

#### **Comissão Local**

Jaqueline Valeira dos Santos Souza  
Elinton Dultra Oliveira - Secretário

#### **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Prof. Ma. Eliene Alves Ferreira (Fap)  
Prof. Esp. Fabiana Waterkemper (Fap)  
Prof. Me. Mirivan Carneiro Rios (Fap)  
Prof. Esp. Mayza Cristina Wecchy e Silva (Fap)  
Prof. Esp. Silas Rosa Junior (Fap)



**Número de ISBN:**

**978-85-69113-06-5**

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	4
PROGRAMA.....	5
I – Programa Geral.....	5
II – Programa Completo .....	6
RESUMOS.....	9
PO – 01: A INFLUÊNCIA DOS AFRODESCENTES NA ECONOMIA BRASILEIRA COLONIAL.....	9
PO – 02: SOLDADO DA BORRACHA – GUERREIROS ESQUECIDOS .	16
PO – 03: ECONOMIA DA TRIBO PAITER SURUÍ .....	17
PO – 04: O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR ATRAVÉS DE COTAS RACIAIS.....	29
PO – 05: ARTE E CULINÁRIA AFRO: INFLUÊNCIAS NA CULTURA BRASILEIRA .....	30
PO – 06: DADOS EPIDEMIOLÓGICOS ACERCA DA TUBERCULOSE NA POPULAÇÃO INDÍGENA.....	31
PO – 07: JOGOS E BRINCADEIRAS DA CULTURA AFRO: .....	32
JOGO DA VELHA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.....	32
PO – 08: AS DANÇAS CIRCULARES DA CULTURA AFRO E INDÍGENA NA AMAZÔNIA NA VISÃO JUNGUIANA .....	33
PO – 09: A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR A CULTURA AFRO NAS ESCOLA E SUA DESMISTIFICAÇÃO.....	34
PO – 10: EDUCAÇÃO INDÍGENA NA AMAZÔNIA .....	54
PO – 11: CASA DE SAÚDE DO ÍNDIO – CASAI: ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO E OS PRINCIPAIS DESAFIOS DE SUA PRÁTICA.....	55
PO – 12: CULTURA INDÍGENA NA ESCOLA.....	56

## APRESENTAÇÃO

A VI Semana Acadêmica e Científica da Faculdade de Pimenta Bueno é um espaço destinado à avaliação e divulgação dos trabalhos científicos desenvolvidos nas diversas áreas do conhecimento dentro dos cursos de graduação oferecidos pela Instituição. Neste ano, a Semana Acadêmica e Científica tem como tema: **CULTURA AFRO BRASILEIRA E INDÍGENA NA AMAZÔNIA: EDUCAÇÃO, SAÚDE E ECONOMIA**, destacando o papel da pesquisa e da produção de conhecimento.

A Semana Acadêmica e Científica objetiva promover a participação de estudantes e o encontro de pesquisadores, buscando o aperfeiçoamento das práticas acadêmicas e a qualificação da produção científica. A realização do evento e a publicação dos resumos proporcionam uma visão do cotidiano da iniciação científica na Faculdade de Pimenta Bueno, da qualidade da produção científica e técnica desenvolvida em seu âmbito. Com isso, a instituição, em consonância com as Diretrizes do MEC, renova o exercício da sua função social e científica e, ao mesmo tempo, revela a capacidade empreendedora das lideranças e dos docentes orientadores e discentes da Instituição e de pesquisadores de outras Instituições participantes.

### TEMA CENTRAL

**“CULTURA AFRO BRASILEIRA E INDÍGENA NA AMAZÔNIA: EDUCAÇÃO, SAÚDE E ECONOMIA”**

Há cada ano tem se tornado mais comum entre os universitários a realização de atividades extracurriculares, que permitam o desenvolvimento de habilidades específicas, e em alguns casos temas não trabalhados em sala de aula e que são exigidas pelo mercado de trabalho ou pela realidade local; tais como proatividade, criatividade, comunicação, pesquisa, etc. Dentre essas atividades, as semanas acadêmicas possibilitam o crescimento profissional e pessoal de todas as partes envolvidas, desde a idealização até a sua concretização.

Pretendeu-se nessa assembleia científica, o resgate cultural, historiográfico e social daqueles que talvez tenham sido os maiores contribuintes para a constituição do povo brasileiro. Deixando um legado não só nos DNA's, mas também na culinária, léxico, estilo de vida, visão de mundo, toponímias e na religiosidade.

## PROGRAMA

### I – Programa Geral

#### Segunda-feira 14/05/2018

<b>Cód.</b>	<b>Palestras</b>
1	A Diferença entre Afrodescendente e Imigrante Africano
2	A Influência dos Afrodescendentes na Economia Brasileira Colonial
3	A história dos Soldados da Borracha

#### Terça-feira 15/05/2017

<b>Cód.</b>	<b>Palestras</b>
4	Economia da Tribo Paiter Suruí
5	O Acesso ao Ensino Superior através de Cotas Raciais
6	Arte e Culinária Afro – Influências na Cultura Brasileira
7	Dados Epidemiológicos a Cerca da Tuberculose na População Indígena
8	Jogos e Brincadeiras da Cultura Afro: Jogo da Velha como Ferramenta Pedagógica

#### Quarta-feira 16/05/2017

<b>Cód.</b>	<b>Palestras</b>
9	As Danças Circulares da Cultura Afro e Indígena na Visão Junguiana
10	A Importância de Ensinar a Cultura Afro nas Escola e sua Desmistificação
11	Trajetória do Índio Até à Aposentadoria
12	Educação Indígena na Amazônia
13	Casa de Saúde do Índio – CASAI: Atuação do Psicólogo e os Principais Desafios de Sua Prática
14	Cultura Indígena na Escola

## II – Programa Completo

### PALESTRAS DO DIA 14/05/18

<b>Cód.</b>	<b>Palestra ou apresentação</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Instituição</b>
1	Apresentação Cultural de indígenas das etnias: Oro nao; Oro eo; Jabuti, Oro mon; Oro waram xijein; Cao oro waje; Kanoe; Makurap e Wajuru.	Rosangela Ribeiro da Silva Justo	CENTEC Abaitará
2	Diferença entre Afrodescendente e Imigrante Africano	Helena Cristina Grilli Gama	FAP
3	A Influência dos Afrodescendentes na Economia Brasileira Colonial	Cleidiane Pedroso Simplicio, Edilaine Afonso Moreira, Nayara Pereira da Silva, Rodrigo Neimog e Graciane Bergamaschi Araújo Neto	FAP
4	Soldados da Borracha – Guerreiros Esquecidos	Maria Rozena Alves e Silas Rosa Júnior	FAP

### PALESTRAS DO DIA 15/05/18

<b>Cód.</b>	<b>Palestra ou apresentação</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Instituição</b>
5	Apresentação cultural	Alunos especiais	CENAPE
6	Economia da Tribo Paiter Suruí	Adenilson Manuel Ferreira Alves, Alexandro de Souza Campos, Danielle Fuhrmann de Aguiar, Jaime Aparecido Ribeiro Júnior, Jéssica de Oliveira Santos, Regiane Rodrigues de Souza da Fonseca e Graciane Bergamaschi Araújo Neto	FAP
7		Douglas Antoni De Jesus Sousa, Geisa Cristina Silva	FAP

	O Acesso ao Ensino Superior através de Cotas Raciais	Marcelino, Gilza da Costa Magalhães, Gislaine Dourado da Silva, Neiva Teresinha Eichenberg Peres, Wesley Gomes De Oliveira e Jaqueline Valéria dos Santos Souza	
8	Arte e Culinária Afro – Influências na Cultura Brasileira	Denivaldo Pereira Gonçalves, Emilly Caroline Alves Nascimento, Barbara Oliveira Santana, Joceli Mota Correa da Rocha e Rosangela Ribeiro da Silva Justo	FAP
9	Dados Epidemiológicos a Cerca da Tuberculose na População Indígena	Caroline de Masceno Elias, Gabrieli Lourdes Trevelin, Maria Vitória Nava Lara, Mayara Duarte Siqueira, Thauany Ferreira Tavares e Thayanne Pastro Loth	FAP
10	Jogos e Brincadeiras da Cultura Afro: Jogo da Velha como Ferramenta Pedagógica	Jaqueline Siqueira Souza, Mirian Tatiane Bernardin, Silvia Talia Cardoso de Araújo, Joceli Mota Correa da Rocha e Rosangela Ribeiro da Silva Justo	FAP

#### PALESTRAS DO DIA 16/05/18

<b>Cód.</b>	<b>Palestra ou apresentação</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Instituição</b>
11	Hipertensão Arterial Histórica: um olhar da Psicologia	Silas Rosa Júnior	FAP
	As Danças Circulares da Cultura Afro e Indígena na Visão Junguiana	Álvaro Marçal Júnior	FACIMED
12		Carina de Andrade Silva Tamarossi, Euziane Evangelista	FAP

	A Importância de Ensinar a Cultura Afro nas Escola e Sua Desmistificação	Xavier, Franciele Afonso Lopes, Leila Aparecida Medeiros e Helena Cristina Grilli Gama	
13	Trajetória do Índio Até à Aposentadoria	Gabriel Henrique Francisco Rodrigues, Micheli Inácio da Cruz, Nayane Marques Moraes, Ronaldo Gomes Souza e Graciane Bergamaschi Araújo Neto	FAP
14	Educação Indígena na Amazônia	Andressa Januário, Deizimara Ladeia Lopes, Ellen Cristina Freitas, Joceli Mota Correa da Rocha e Rosangela Ribeiro da Silva Justo	FAP
15	Casa de Saúde do Índio - CASAI: Atuação do Psicólogo e os Principais Desafios de Sua Prática	Ana Caroline S. Ramos e Mariana de Souza Lopes	FAP
16	Cultura Indígena na Escola	Caroline Estefani Ferreira Alves, Géssica Queiroz Pacheco, Mônica Aparecida Siqueira Souza, Jaciel Gonçalves da Costa, Joceli Mota Correa da Rocha e Rosangela Ribeiro da Silva Justo	FAP



## RESUMOS

### PO – 01: A INFLUÊNCIA DOS AFRODESCENTES NA ECONOMIA BRASILEIRA COLONIAL

Cleidiane Pedroso Simplício<sup>1</sup> - cleidianepedroso1@gmail.com  
Edilaine Afonso Moreira - edilaine-moreira1@outlook.com  
Nayara Pereira da Silva - naysilva1507@gmail.com  
Rodrigo Neimog - rodrigocob@outlook.com  
Graciane Bergamaschi Araújo Neto<sup>2</sup> - gracianearaujo@outlook.com

#### RESUMO

A economia brasileira percorreu por vários processos antes de se solidar realmente, passando por várias contribuições sendo uma delas a de mão de obra escrava. Desde o começo da colonização do país, os negros já se faziam presentes na realização de todos os trabalhos manuais, como: extração de minerais, colheitas, entre outros. Suas condições de vida e moradia eram precárias e sua remuneração pelo trabalho prestado nulo. O método utilizado para a pesquisa neste trabalho foi o dedutivo e o mesmo possui como foco contar um pouco sobre a história dos negros e o seu papel na economia, que foi desempenhado muito bem desde a época do grande ciclo do açúcar iniciado no século XVI até o final do século XIX onde conseguiram a sua tão sonhada liberdade.

**Palavras-chave:** Negros, Escravos, Traficantes, Povos, Trabalho.

**Orientador (a):** Prof<sup>a</sup> Esp. Graciane Bergamaschi Araújo

#### INTRODUÇÃO

Muito se é discutido sobre a escravidão no Brasil, mas poucos historiadores contam como viviam alguns dos povos que tanto sofreram para que o país pudesse ter uma sociedade e uma economia tão rica em cultura e em realizações. O objetivo do trabalho é mostrar como era baseado a economia e sociedade de alguns povos

---

<sup>1</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Bacharelado em Administração - 2018

<sup>2</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Docente

africanos antes do período escravocrata e qual a contribuição que os escravos trazidos pelos portugueses deixaram na economia atual.

A história dos africanos é rica em acontecimentos e mudanças, o esforço desempenhado pela mão de obra negra desde o ciclo econômico do açúcar até a abolição da escravatura mostra que os negros foram com toda a certeza a base de toda a economia da época colonial.

## **1. A ÁFRICA ANTES E DEPOIS DA CHEGADA DOS PORTUGUESES**

Pouco se é explicado sobre como viviam o povo africano antes da chegada dos portugueses e como era baseada sua sociedade, em alguns livros é encontrado sobre dois grandes povos, os do Império do Mali e os do Reino do Kongo, que possuíam uma sociedade organizada e que também já realizavam negócios com vários outros povos ao redor do mundo. Para poder se falar de como os afrodescendentes contribuíram para que o país possuísse a economia avançada que tem hoje é necessário detalhar, mais profundamente, sobre os dois reinos citados acima.

### **1.1. IMPÉRIO DO MALI**

Sobre esse império pouco se tem registros em documentos, mas segundo alguns escritores como Júnior (2006) a cultura e costumes desse povo são contadas geralmente por estudiosos árabes e pelos próprios africanos. Segundo o escritor a vida econômica do povo de Mali era baseada na agricultura, pastoreio e no artesanato, mas por outro lado eles eram considerados o maior produtor de ouro da África Medieval, pois fornecia o ouro para a fabricação das primeiras moedas do continente europeu, uma vez que as minas existentes nessa terra eram as mais ricas de todo o continente.

Ainda segundo o autor Júnior (2006) o império de Mali começou no final do século XV a perder território para povos rivais, e com essa fraqueza em evidência surgiu a pior das ameaças para o povo desse império, os portugueses. O rei de Portugal procurou ganhar a confiança do líder africano e usou dessa estratégia para

infiltrar informantes para poder descobrir as fraquezas desses nativos, os traficantes de escravo se aproveitando dessas informações tentaram de início escraviza-los a força, o que não deu certo, partiram assim para outra tática que era a de se aliar a alguns povos rivais e capturar os integrantes dos grupos perdedores o que também não durou muito, pois após um tempo os traficantes estavam capturando todos sem exceção de perdedores ou vencedores, já que queriam cumprir a demanda de pedido por escravos.

## **1.2. REINO DO KONGO**

Teve sua origem através do casamento do chefe do povo Kikongo com uma mulher do povo Ambundo, através dessa união surgiu o Reino do Kongo, sua vida econômica era baseada na agricultura e no pastoreio.

Segundo Júnior (2006) esse povo também forjavam o ferro para criar armas, e o cobre para fazer joias. Ainda segundo o autor, quando os europeus chegaram a esse reino foram recebidos por um povo amedrontado, porque eles estavam com medo das armas que os estrangeiros possuíam. Depois de um tempo da chegada dos estrangeiros o rei da época se aliou a eles para dar um melhor futuro à nação que governava o que foi descoberto tardiamente como uma má ideia, pois os portugueses, se aproveitando disso, enviaram traficantes interessados na mão de obra escrava. Mesmo com muita luta e muito sofrimento em ver seu povo sendo levado contra a vontade deles, Affonso como era chamado pelos portugueses o líder do reino, ainda tentou pedir ao rei de Portugal por clemência, mas isso não adiantou.

Assim, depois da morte de Affonso, o reino do Kongo continuou sofrendo com as altas invasões portuguesas que, mesmo no século XIX o antigo e prospero território do Reino do Kongo foi tomado e ocupado militarmente tornando-se assim uma colônia europeia.

## 2. O BRASIL E A ESCRAVIDÃO AFRICANA

De acordo com alguns escritores os portugueses quando chegaram ao Brasil buscaram várias formas de escravizar o povo indígena, porém a igreja católica, que na época colonial desempenhava um grande poder sobre o rei e o povo, impediu que isso acontecesse usando como motivo o fato de que eles iriam usá-los em um projeto de expansão do catolicismo pelas Américas. Com a proibição da igreja, os portugueses precisaram recorrer a outras formas de conseguir mão-de-obra barata, por isso, nessa época segundo registros os europeus começaram a trazer e a comercializar a mão-de-obra africana.

Os negros eram tirados de suas terras a força e trazidos ao país em navios negreiros que possuíam acomodações precárias e desumanas, quando chegavam aos portos brasileiros da época eram levados aos escritórios de comercialização, que eram legalizados apenas para essa finalidade, sendo vendidos aos chefes e senhores da época pelo maior valor possível.

Os negros traficados eram classificados de acordo com sua força e aparência física, conforme a forma que agiam ou pareciam sendo colocados em uma das seguintes categorias em uma fazenda:

- Empregados Domésticos;
  - Amas (amamentação e criação das crianças);
  - Trabalhador da plantação de açúcar, e;
  - Trabalhador nas minas de ouro e diamantes.
- E, além disso, os negros ofereciam várias vantagens aos portugueses diferentemente dos indígenas daquela época. Ofereciam a eles:
- Melhor nível cultural;
  - Prática avançada na agricultura, mineração e no artesanato;
  - Habilidade para o trabalho;
  - Resistência física;
  - Familiarização com o processo escravista de produção.

Porém os negros também ofereciam desvantagens, como a de não viverem por muito tempo, o estipulado era de dez a vinte anos apenas, pois o trabalho exigido deles era árduo e as condições que viviam dentro das fazendas eram precárias, muitas vezes não tendo direitos nem a supervisão médica.

Segundo o blog A participação dos negros na construção do Brasil (2013):

[...] Os negros se tornaram fortes colaboradores para a economia brasileira, não pelo lado intelectual, mas no impulso direto da dinamização do sistema econômico. No ciclo da mineração, o trabalho era árduo e impiedoso, na busca de satisfazer os desejos ambiciosos dos Reis de Portugal que objetivavam única e exclusivamente, extrair os minérios existentes no país. Eram quilômetros e quilômetro de mata adentra, passando todo tipo de miséria e sofrimento, com o facto de se conseguir minerais preciosos [...] e por fim de toda economia, com uma escravidão de negros, de participação tão ativa.

Através do que foi falado acima, é possível perceber que os africanos desde a colonização já vinham de alguma forma contribuindo para a construção da sociedade e da economia que o país possui hoje. Podemos afirmar que os negros possuem um grande e importante papel na história da economia, pois foi através deles que muitos fazendeiros conseguiram aumentar suas fortunas e outros conseguiram adquiri-la, pode-se citar como exemplo o século XVI onde mais de 15 mil escravos eram desembarcados no país para trabalharem nos engenhos de cana-de-açúcar, tabaco, algodão, café e na extração de ouro e diamantes nas minas descobertas.

### **3. A ECONOMIA E OS AFRODESCENDENTES**

Segundo o escritor Furtado (1997) os negros começaram a aparecer de fato e a contribuir de maneira mais intensa na economia brasileira quando foi implantada no país a agroindústria açucareira, tornando ainda mais necessária a mão de obra para a plantação e colheita da cana, o que levou vários fazendeiros a comprarem e a encomendarem em maior quantidade escravos. Ainda segundo o autor a escravidão provocou uma grande queda em vários negócios, como:

- O desinteresse em equipamentos, pois a mão de obra escrava era bem mais barata e em conta;
- O não interesse em avanços tecnológicos, e a;
- Ineficiência em produção por falta de incentivo.

Também causou várias questões sociais que não se extinguiram até os dias atuais, como: o desprezo das classes de trabalhos manuais pelas classes elevadas e a criação, pelos mais poderosos, de uma classe marginalizada.

Conforme Lacerda et al (2006) o ciclo do açúcar foi uma grande base para a economia no Brasil, porém o ciclo do ouro foi o principal fator que ocasionou as migrações ao país e que fizeram os negros conhecer uma nova modalidade de trabalho escravo, pois nessa fase diferente do ciclo do açúcar, alguns dos escravos gozavam de uma posição diferenciada na economia, já que possuíam mobilidade social. Essa pequena mudança foi causada pelo fluxo migratório de pessoas dos países europeus que vieram atrás do tão sonhado ouro. Após o ciclo do ouro vemos o surgimento da economia cafeeira que se iniciou no século XIX e também, foi baseada no trabalho escravo, mas com alguns benefícios, por exemplo, segundo Lacerda et al (2006) uma das principais mudanças foi o trabalho assalariado que se deu devido à primeira fase do desenvolvimento do capitalismo no país e um passo para a abolição da escravatura, ou seja, a tão sonhada liberdade, que os negros almejavam desde o começo do ciclo da captura de escravos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em virtude dos fatos mencionados acima pode-se concluir que os negros desde o começo da colonização brasileira desempenham um papel de suma importância na construção da sociedade e da economia brasileira colonial, essa contribuição não foi intelectual, mas sim uma colaboração braçal, através do seu trabalho nos campos, nas grandes fazendas e nas minas. Mesmo após a libertação de 1888 vários escravos que sonhavam com a liberdade, voltaram a trabalhar nas minas e fazendas em troca do salário que na época, comparado com os dias atuais, não era nem um pouco gratificante, mas dava para sobreviver de maneira razoável e certamente os serviços prestados não eram de maneira forçada e com negligência como era empregado na época da Escravatura.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOG A PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NA CONSTRUÇÃO DO BRASIL. A Contribuição do Negro na Economia, 2013. Disponível em: <https://influencianegranobrasil.wordpress.com/2012/03/19/a-contribuicao-do-negro-na-economia/>. Acessado em: 09 de abril de 2018.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 27. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.

FURTADO, Milton Braga. Síntese da Economia Brasileira. 6. ed. Rio de Janeiro: S.A, 1997.

GELEDÉS. A História da Escravidão Negra no Brasil. São Paulo: 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>. Acessado em: 17 de abril de 2018.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. História: Sociedade e Cidadania. 1. ed. São Paulo: FTD, 2006.

LACERDA, A. et al. Economia Brasileira. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

SCHWARCZ, Lilia & STARLING, Heloisa. Escravidão no Brasil. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/escravidao-no-brasil/>. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUZA, Luiz Gonzaga de. O Negro na Economia. Disponível em: <http://www.eumed.net/libros-gratis/2006b/lgs-art/3a.htm>. Acessado em: 17 de abril de 2018.

VIANNA, Walney Terezinha de Marino. Consciência Negra: Uma reflexão crítica sobre a história e cultura afro – brasileira. 1. ed. Curitiba: Casa do Saber, 2008.

## **PO – 02: SOLDADO DA BORRACHA – GUERREIROS ESQUECIDOS**

**Maria Rozena Alves**<sup>3</sup> – rozyyalves@hotmail.com  
**Silas Rosa Júnior**<sup>4</sup> – silaspsi@gmail.com

### **RESUMO**

O objetivo desse banner é demonstrar o cenário amazônico do século XX, mais precisamente de 1939 a 1945 período que eclodiu a 2ª Guerra Mundial. O conflito se estendia pela Europa, África e Ásia e quando chegou a Malásia, impediu o abastecimento de Borracha para os aliados dos Estados Unidos, mediante um bloqueio, impediu que a borracha produzida na Ásia, fosse distribuída, haja vista que esses necessitavam daquele produto para vários produtos bélicos. Havia notícias de que na Região Amazônica possuía produção de borracha de boa qualidade. Assim todos os olhares voltaram-se para essa região, com o fito de extrair o látex necessário para alimentar a sanha da 2ª Guerra. É aí que o Governo Brasileiro para atender suas responsabilidades previstas no acordo criou órgãos responsáveis pelo alisto da mão-de-obra e organização dos seringais. Os trabalhadores recrutados para produção de látex nesse contexto ficaram conhecidos como Soldados da Borracha. Em sua maioria nordestinos, fugidos da seca e fome.

**Palavras Chave:** Borracha, 2º Guerra e Amazônia.

**Orientador (a):** Silas Rosa Júnior

---

<sup>3</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Bacharelado em Psicologia - 2018

<sup>4</sup> Faculdade de Pimenta Bueno - Docente



## **PO – 03: ECONOMIA DA TRIBO PAITER SURUÍ**

**Adenilson Manuel Ferreira Alves**<sup>5</sup> – ad.benny18@gmail.com  
**Alexandro de Souza Campos** - alexandrocamos767@gmail.com  
**Danielle Fuhrmann de Aguiar** – daniellefuhrmann@hotmail.com  
**Jaime Aparecido Ribeiro Júnior** - cairutrans.rh@ciclocairu.com.br  
**Jéssica de Oliveira Santos** – jessicadeoliveira6@hotmail.com  
**Regiane Rodrigues de Souza da Fonseca** -  
regianerodriguesdesouza95@gmail.com  
**Graciane Bergamaschi Araújo Neto**<sup>6</sup> - gracianearaujo@outlook.com

### **RESUMO**

No ano de 1500, com a descoberta do Brasil pelos portugueses, foram encontrados novos povos, que passaram a ser chamados de índios. Espalhados por todo o país, os índios que, logo após a descoberta foram escravizados pelos colonizadores, atualmente possuem reconhecimento governamental, onde tiveram seus direitos respeitados por órgãos voltados especificamente para esse intuito, como a Funai, por exemplo. Os povos indígenas possuem, ainda hoje, uma economia voltada para o artesanato produzido através de materiais encontrados na natureza e por materiais doados pela comunidade, fato que pode ser verificado na tribo Paiter Suruí da cidade de Cacoal, Rondônia, que produzem diversos tipos de produtos, como panelas de barro, redes de algodão e bijuterias variadas, por exemplo. Produtos estes que são recolhidos das aldeias e vendidos por membros do Centro de Formação Paiter Suruí, centro que possui uma loja própria para a venda de artesanatos da tribo local.

**Palavras Chave:** Índio, Economia, Paiter Suruí..

### **INTRODUÇÃO**

Diante do tema “Cultura Afro-brasileira e indígena na Amazônia: Educação, Saúde e Economia” proposto pela Faculdade de Pimenta Bueno, FAP, para VI Semana Acadêmica e Científica da faculdade, este artigo tem como intuito relatar um pouco da história e da economia indígena da região norte do país, com ênfase na tribo indígena Paiter Suruí, que fica localizada no município de Cacoal- RO.

---

<sup>5</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Bacharelado em Ciências Contábeis - 2018

<sup>6</sup> Faculdade de Pimenta Bueno - Docente

Os dados apresentados foram adquiridos parte através de pesquisas realizadas via internet e parte por pesquisa de campo, onde foi apresentado um questionário sobre a economia da tribo Paiter Suruí aos órgãos e associações responsáveis pela cultura indígena.

Dentre as questões apresentadas, foram abordados temas referentes a fonte de renda da tribo, a forma de organização das atividades exercidas pelos membros da tribo e a origem da matéria-prima dos produtos vendidos.

Todo o desenvolvimento da história indígena e sobre sua economia, foram realizados através dos dados obtidos com o questionário apresentado ao coordenador da Associação Metareilá presente no dia 11 de abril de 2018, data em que o grupo fez uma visita a Loja de Arte Paiter e teve a oportunidade de realizar uma entrevista com este membro da associação.

## **1 BREVE HISTÓRIA INDÍGENA DE RONDÔNIA**

Quando a história de Rondônia é citada, são contadas em sua maioria, apenas sobre as histórias sobre os seringueiros, a linha telegráfica, da estrada de ferro Madeira-Mamoré, histórias importantes para o desenvolvimento do estado, porém nenhuma cita os povos indígenas que aqui habitavam.

Esses povos já haviam passados por alguns conflitos antes de chegarem a Rondônia, como afrontamentos entre tribos causados por atritos territoriais, pois as tribos Paiter Suruí fugiram da perseguição de povos não indígenas de Cuiabá, Mato Grosso, para Cacoal, Rondônia. Os índios mais sábios relatam o momento em que tribos se encontraram e entraram em choque, acarretando muitas lutas e mortes. Assim, os poucos índios que restaram se instalaram e se reconstruíram em Rondônia, até à chegada dos povos desbravadores do estado, vindos do sul do país, por estímulo do Governo Federal através do Incra, em busca de terras e melhores condições de vida.

Quando os desbravadores começaram a se instalar em Rondônia, foi inevitável a exploração e, com isso, chegaram os garimpeiros e seringueiros, que passaram a escravizar e matar os índios que se revoltavam com essa situação. Além das mortes causadas pelos desbravadores, a história relata que uma aldeia acabou sendo quase

toda dizimada por causa das doenças trazidas pelos “homens brancos”, como sarampos e gripes, em geral.

Com a chegada desses novos habitantes, que começaram a poluir o ar com suas máquinas, contaminar os rios e peixes com o mercúrio e desmatar e queimar as árvores, os índios começaram a ficar gravemente doentes, já que não tinham como se defender das doenças causadas pela ingestão da água, nem pelas doenças ainda desconhecidas pelo sistema imunológico dos índios, trazidas pelo ar, como o sarampo, que causou uma epidemia entre as aldeias que acabou matando cerca de 300 pessoas, que correspondia a um terço da população total da tribo.

Em 7 setembro de 1969, houve uma expedição comandada pelo sertanista Francisco Meireles, onde foi realizada uma contagem da população indígena, verificou-se que havia cerca de 5 mil índios, porém após apenas 3 anos, essa quantidade diminuiu drasticamente, de 5 mil para apenas 300 sobreviventes indígenas.

Hoje em dia, estima-se que haja aproximadamente 1,4 mil índios que falam a língua do tronco tupi e família mondéque, distribuídos em um território de aproximadamente 248.147 hectares, localizada no sudeste de Rondônia, cidade de Cacoal, e noroeste do Mato Grosso, sendo que 40% em território rondoniense, onde vivem os clãs paiterey karah, e 60% mato-grossense, sendo área reservada a estes clãs.

Infelizmente, o abuso dos madeireiros e garimpeiros não se deu apenas no desenvolvimento de Rondônia. Segundo o líder da tribo Paiter Suruí, Almir Narayamoga Suruí, em 2016 houve outra grande invasão das terras Paiter por esses madeireiros e garimpeiros, o que ocasionou em cerca de 600 hectares de florestas desmatadas e em 3 rios do território Suruí poluídos com mercúrio e cianeto despejados lá pelos garimpeiros (SURUÍ, 2016).

## **2 ASSOCIAÇÕES E ORGANIZAÇÕES DE PROTEÇÃO INDÍGENA**

As associações e organizações indígenas surgiram na década de 1980 em várias regiões do Brasil. Com a promulgação da nova Constituição Federal, em 1988, essas organizações começaram a se multiplicar, pois passaram a ter a possibilidade de se constituírem como pessoas jurídicas.

Essas novas formas de representação política simbolizam a incorporação, por alguns povos indígenas, de mecanismos que possibilitam lidar com o mundo institucional da sociedade nacional e internacional. Permitem ainda tratar de demandas territoriais (demarcação de terras e controle de recursos naturais), assistenciais (saúde, educação, transporte e comunicação) e comerciais (colocação de produtos no mercado) (ORGANIZAÇÕES, 2018).

A existência de órgãos e associações de proteção indígena, fez com que em 2000, surgisse a elaboração de um plano de desenvolvimento etnoambiental Paiter Suruí, com o objetivo de criar ações a serem desenvolvidas em um período de 50 anos, baseadas em eixos temáticos que facilitam nas tomadas de decisões, como formas de desenvolver seus produtos e estruturas próprias.

Já em 2010, as organizações resolveram criar o Parlamento Paiter Suruí, cujo objetivo é obter os valores básicos que desrespeitam a vida da comunidade e utilização dos recursos naturais da terra indígena e a retomada da cultura, igualdade social e desenvolvimento sustentável.

A Funai, órgão governamental que tem por objetivo proteger os direitos indígenas, e a Metareilá, associação que defende e preserva o patrimônio cultural, são as principais organizações responsáveis pelos direitos dos índios, cuidando para que suas tradições e culturas sejam conhecidas e respeitadas por toda a população.

## **2.1 FUNAI – FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO**

A Fundação Nacional do Índio - FUNAI é um órgão indigenista oficial do Estado brasileiro, criada no ano de 1967, a Funai é responsável por promover os direitos dos povos indígenas no território nacional, garantidos pela Constituição de 1988 (FUNAI, 2014).

A atuação da Funai está orientada por diversos princípios, dentre os quais se destaca o reconhecimento da organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos povos indígenas, buscando o alcance da plena autonomia e autodeterminação dos povos indígenas no Brasil, contribuindo para a consolidação do Estado democrático e pluriétnico (FUNAI, 2014).

Principal órgão de defesa dos direitos indígenas, a Funai, possui a missão de proteger e promover os direitos dos índios, promovendo estudos de identificação e

delimitação, demarcações, regularização fundiária e registrando as terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas (FUNAI, 2014).

## **2.2 ASSOCIAÇÃO METAREILÁ DO POVO INDÍGENA SURUÍ**

A Associação *Metareilá* do Povo Indígena Suruí, é uma associação que possui o objetivo de defender e preservar todo o patrimônio cultural e territorial do país e o cumpre por meio da busca constante de promover a garantia da biodiversidade e da formação dos povos e lideranças indígenas com o intuito de construir e fortalecer sua autonomia.

A *Metareilá* possui uma parceria com a *Kanindé*, uma organização criada em 1992 em Porto Velho, Rondônia, que possui o objetivo de defender os direitos humanos e o meio ambiente, propondo soluções criativas que fortalecem a identidade, a cultura, a economia e a saúde da população.

Juntamente com a *Kanindé*, a *Metareilá* vem buscando desenvolver projetos que abranjam atividades para os próximos anos, como: apoio a piscicultura, assistência técnica ao viveiro de plantas e reflorestamento, fortalecimento institucional da *Metareilá*, apoio às cadeias produtivas, biomonitoramento da fauna e elaboração do plano de manejo florestal (NOVOS, 2017).

## **4 ECONOMIA INDÍGENA**

No geral, a economia indígena é praticamente a mesma em todas as tribos, diferenciando-se apenas em algumas tradições corriqueiras de uma ou outra tribo específica.

Os índios possuíam uma economia baseada na agricultura, na caça e na pesca de subsistência, isto é, não possuía fins lucrativos e seus resultados eram distribuídos por toda a tribo e, ainda, em aldeias vizinhas. Atualmente, parte da economia indígena se baseia na agricultura, mas as maiores partes provem das aposentadorias e de trabalhos braçais realizados pelos índios (CASTRO, 2015).

Antigamente, os índios não possuíam uma economia voltada para vendas em comércios, eles produziam seu próprio alimento, plantando alimentos como batata,

mandioca, arroz e feijão, por exemplo. Outras formas muito comuns de se conseguir alimento eram através da caça e da pesca (CASTRO, 2015).

Culturas e tradições como as citadas acima, agricultura, caça e pesca, não foram perdidas pelas tribos, até hoje os índios ainda possuem essas formas de subsistência, porém, em conjunto com a cultura da fabricação de artesanatos em geral, passaram a vender seu trabalho em comércios, em feiras locais e, ainda, como no caso da tribo Paiter Suruí de Cacoal, Rondônia, em centros voltados especificamente para esse fim.

A Metareilá, juntamente com o Centro de Formação Cultural Paiter Suruí, local voltado para a educação técnica e superior de índios de todas as etnias, participou, em 2014, da inauguração da primeira Loja de Arte Paiter (CACOAL, 2014).

Os membros do grupo responsável por esta pesquisa, apresentaram um questionário para os representantes pelo Centro de Formação presentes na Loja de Arte Paiter no dia 11 de abril desse ano. O questionário continha questões sobre a economia da tribo local, os Paiter Suruí. O resultado da pesquisa será exposto a seguir.

### **3.1 ECONOMIA DA TRIBO PAITER SURUÍ**

A economia da tribo Paiter se divide entre a venda de artesanatos na Loja de Arte Paiter, localizada na Associação Metareilá, na cidade de Cacoal, Rondônia, e na venda dos frutos de sua agricultura, como castanhas do Brasil, cacau e café.

#### **3.1.1 VENDA DE ARTESANATOS**

O povo Paiter Suruí produz e vende diversos artesanatos, como brincos, pulseiras, colares, anéis, cerâmicas entre outros. Os produtos levam de 30 (trinta) minutos a um ano para serem produzidos e ficarem prontos para comercialização, dependendo das etapas de produção e matérias-primas utilizadas.

A produção de bijuterias, cerâmicas e redes, por exemplo, é desenvolvida, na maioria das vezes, por mulheres que se dispõem a tais atividades, não sendo possível determinar quantas pessoas são responsáveis pela produção, já que a participação fica a critério de cada um.

A confecção de bijuterias, como anéis e pulseiras, demora 15 e 45 minutos, respectivamente, até ficarem prontos para a comercialização, tempo que pode variar de acordo com as habilidades e experiência da índia que o produz. Pode-se conferir o produto pronto para a venda nas *Imagem 3* abaixo:



**Imagem 3: Pulseiras fabricadas pelas índias Paiter.**  
**Fonte: Autores**

Os brincos fabricados pela tribo Paiter levam de 30 a 60 minutos para ficarem prontos e custam em média R\$ 25,00 na Loja de Arte Paiter, alguns exemplos de brincos podem ser conferidos na *Imagem 4*.



**Imagem 4: Brincos fabricados pelas índias Paiter.**  
**Fonte: Autores.**

Já produtos que envolvem a tecelagem, como a rede de algodão produzida pelas índias Paiter, demora em média 1 (um) ano para ficarem prontas, pois suas etapas envolvem desde a plantação do algodão, realizada dentro da própria aldeia, sua colheita, o processamento do algodão em fios, até sua tecelagem. Por demandar um trabalho grandioso, delicado e demorado, as redes de algodão, *Imagem 4*, são vendidas por cerca de R\$ 1.000,00 na Loja de Arte Paiter.



**Imagem 4: Rede de Algodão.**  
**Fonte: Autores**

Os homens índios, além de serem responsáveis por toda a plantação e colheita de alimentos que a aldeia desenvolve, como café, banana, castanha do Brasil, cacau, entre outros, possuem, ainda, a responsabilidade interina de confeccionar o arco e flecha, as machadinhas (*Imagem 5*), os cocais, entre outros produtos utilizados na caça, pesca e plantio, sendo que a idade mínima para começarem a trabalhar é de 12 anos e a máxima de 16 anos, devendo ingressar nas atividades da tribo durante esse intervalo.





**Imagem 5: Machadinha produzida pelos índios Paiter.**  
**Fonte: Autores.**

Em sua maioria, os produtos confeccionados pelos homens e mulheres da tribo Paiter possuem como matéria-prima a madeira, pedras, penas e folhas, todos encontrados no meio ambiente. Os demais materiais, como o arame para os brincos, os fios de nylon e miçangas para pulseiras e colares, por exemplo, são doados pelo Centro de Formação, pela Metareilá e pela comunidade.

Tanto os homens, quanto as mulheres não recebem um treinamento específico para a realização de tais atividades, porém ao acompanhar seus pais e mães desde crianças, os meninos junto aos pais e as meninas ao lado de suas mães, os índios já crescem nesse ambiente de trabalho e produção e, naturalmente, quando chegam na idade considerada adequada para o início dos trabalhos, conseguem desenvolver perfeitamente as atividades e produtos que serão comercializados.

Ao analisar a divisão do trabalho, percebe-se que a confecção de bijuterias, como brincos, colares e pulseiras, é feita, geralmente, por mulheres mais jovens, já que esses tipos de adornos não fazem parte dos artesanatos tradicionais da aldeia, como cerâmicas, trançados, tecelagens e cestarias, por exemplo, estes são de responsabilidade das índias que possuem maior experiência no trabalho, já que é necessário grande conhecimento para que o produto se torne ainda mais belo.

Os artesanatos citados, são da tradição Paiter Suruí e são utilizados tanto para venda, quanto para uso dentro da aldeia. Os produtos destinados à venda são recolhidos da tribo e levados para a comercialização uma vez por mês por duas pessoas membros da Loja de Arte Paiter, momento em que estas fazem a distribuição

dos lucros obtidos com as vendas entre as famílias dos índios responsáveis por sua confecção.

Todo o ciclo de produção é de responsabilidade de apenas duas mulheres Suruí, ciclo este que incorpora o recebimento de doações, a distribuição do material entre os índios que se responsabilizam pela produção, recolhimento de artesanatos já prontos para a comercialização, a venda dos artigos na Loja de Arte Paiter e, por fim, a distribuição dos lucros entre os índios artesãos.

O trabalho das mulheres e homens Paiter são feitos com muita dedicação e paciência, desde a coleta da matéria-prima até a confecção, que na maioria das vezes são feitas em pequenas etapas. Todo esse trabalho faz com que esses artesanatos se tornem dignos de admiração e, conseqüentemente, um dos mais valorizados do país.

### **3.1.2 VENDA DA LAVOURA**

Os índios Paiter, além de seus artesanatos, geram economia através da venda de suas plantações, como a de cacau, café e castanha do Brasil, entre outros produtos nativos da região.

As plantações são realizadas nas terras Suruí e exportadas para diversos países. As informações referentes a quantidades, valores e localização são mantidas em sigilo. Sabe-se que os produtos da lavoura indígena, são vendidas uma pequena parte pelos índios, para venderem onde, como e por qual valor quiserem, e o restante fica sob responsabilidade da Associação Metareilá.

Grande parte da economia Paiter se dá pela venda de castanhas, porém um dos grandes problemas econômicos que os povos Suruí vem enfrentando são a derrubada de castanheiras pelos madeireiros, que vem cada vez mais afetando os rendimentos de suas colheitas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do material adquirido foram identificados que apesar dos povos indígenas terem tido uma história marcada por abusos, explorações, torturas e dor, eles conseguiram superar e dar continuidade a suas culturas e tradições. Atualmente, os órgãos de proteção indígena, como a Funai e a Metareilá, contribuíram para que muitas tribos tenham adquirido tecnologias e modernidades disponíveis, porém não deixaram que isso influenciasse em seus modos de viver.

Os povos indígenas têm como característica ser uma sociedade muito organizada, onde cada um exerce com responsabilidade a função atribuída pela tribo, além disso, eles respeitam a hierarquia estabelecida em seus meios.

Apesar de possuírem fácil acesso a matéria-prima e a mão-de-obra, o artesanato Paiter ainda não obteve o número de venda que desejam por falta de marketing, já que seus produtos são pouco conhecidos pela população.

A economia da tribo Suruí é formada parte pela venda de suas colheitas, parte por venda de artesanatos. Entre suas colheitas, as que possuem melhor retorno são as de castanha do Brasil, café e cacau, já que parte de suas produções são exportadas para outros países, porém eles vêm sofrendo economicamente pelo fato dos madeireiros estarem derrubando as castanheiras.

Este artigo, pôde nos proporcionar grande conhecimento da cultura indígena e pode-se observar que, assim como as empresas que possuem atividades econômicas passam por dificuldades no mercado, como concorrência, excesso de tributos, falta de mão-de-obra qualificada, entre outras, os índios também enfrentam seus problemas, como a falta de marketing, pouca variedade de matéria-prima e a invasão de suas terras e falta de respeito pela cultura indígena, por exemplo. Portanto, pode-se concluir que tanto as empresas socioeconômicas quanto as atividades econômicas indígenas enfrentam dificuldades para se desenvolver e alcançar seus objetivos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

CACOAL: cerimônia indígena atrai sociedade. Porto Velho, 2014. Disponível em: <<http://www.diariodaamazonia.com.br/cerimonia-indigena-atrai-sociedade/>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

CASTRO, Guilherme Luiz Almeida de. Economia indígena. 2015. Disponível em: <<http://casadevoaninha.blogspot.com.br/2015/10/economia-indigena.html>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

DESCOBRIMENTO do brasil - discussões sobre o “descobrimento”. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009-2018. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/descobrimento/p2.php>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

FUNAI. 2014. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/quem-somos>>. Acesso em: 21 abr. 2018

NOVOS projetos entre Kanindé e associação Metareilá do povo Paiter Suruí. Porto Velho, 2017. Disponível em: <<http://www.kaninde.org.br/kaninde-e-associacao-metareila-do-povo-paiter-Suruí/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

ORGANIZAÇÕES indígenas. 2018. Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Organiza%C3%A7%C3%B5es\\_ind%C3%ADgenas](https://pib.socioambiental.org/pt/Organiza%C3%A7%C3%B5es_ind%C3%ADgenas)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

**SURUÍ**, Almir Narayamoga. **Esta é a minha chamada de alarme, por favor, ouça-me!**. 2016. Disponível em: <<http://www.paiter.org/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

## **PO – 04: O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR ATRAVÉS DE COTAS RACIAIS**

**Douglas Antoni De Jesus Sousa**<sup>7</sup> – dougxang@hotmail.com  
**Geisa Cristina Silva Marcelino** – geisacristina.amoreterno@gmail.com  
**Gilza da Costa Magalhães** – gilzamagalhaes@gmail.com  
**Gislaine Dourado Da Silva** – gislainedouradodasilva@gmail.com  
**Neiva Teresinha Eichenberg Peres** – neiva\_peres@hotmail.com  
**Wesley Gomes De Oliveira** – wgomes0011@gmail.com  
**Jaqueline Valéria dos Santos Souza**<sup>8</sup> – jaqueline.ribeiro@fappb.edu.br

### **RESUMO**

A porta de entrada para grupos historicamente desfavorecidos. As cotas raciais vêm sendo gradativamente responsáveis pela graduação de índios, negros e pardos, buscando oferecer-lhes condições de igualdade, incluindo-os nas universidades, permitindo assim uma situação mais favorável àqueles que viviam à margem da sociedade, por consequência de um passado recente elitista, onde os menos favorecidos não tinham vez. As cotas raciais têm como função uma política de reintegração e de inserção da população negra nas universidades. Há quem explique as cotas raciais por meio do conceito da equidade aristotélica, Aristóteles o filósofo grego criou uma teoria que consiste em: “tratar desigualmente os desiguais para se promover a efetiva igualdade.”

**Palavras Chave:** Cotas raciais, Universidade e negros.

**Orientador (a):** Prof<sup>a</sup> Esp. Jaqueline Valéria dos Santos Souza

---

<sup>7</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Bacharelado em Psicologia - 2018

<sup>8</sup> Faculdade de Pimenta Bueno –Docente

## **PO – 05: ARTE E CULINÁRIA AFRO: INFLUÊNCIAS NA CULTURA BRASILEIRA**

**Denivaldo Pereira Gonçalves**<sup>9</sup> – denipereira041098@gmail.com

**Emilly Caroline Alves Nascimento** – ec441418@gmail.com

**Barbara Oliveira Santana** – barbaraoliveira.ped@gmail.com

**Joceli Mota Correa da Rocha**<sup>10</sup> – profmotacrocha@gmail.com

**Rosangela Ribeiro da Silva Justo**<sup>11</sup> – rsjusto10@gmail.com

### **RESUMO**

A arte e a culinária da cultura afro é muito importante na história e na cultura brasileira. A arte representa o uso de costumes das tribos e tem-se como objeto expressar muita sensibilidade nas pinturas, assim como nas esculturas. Já a culinária africana, abrange uma grande influência na culinária brasileira, onde vários alimentos ingeridos pela sociedade tem nela sua influência. Ótimos exemplos da culinária são, feijão preto ou feijoada, cuscuz, canjica, dentre todos os outros que os escravos trouxeram de seus países na época da colonização.

**Palavras chave:** Culinária, Afro e Brasileira.

**Orientador (a) :** Prof<sup>a</sup> Ma. Joceli Mota Correa da Rocha e Rosangela Ribeiro da Silva Justo

---

<sup>9</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Licenciatura em Pedagogia – 2018

<sup>10</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Docente

<sup>11</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Docente

## **PO – 06: DADOS EPIDEMIOLÓGICOS ACERCA DA TUBERCULOSE NA POPULAÇÃO INDÍGENA**

**Caroline de Masceno Elias**<sup>12</sup> – carolineelias1999@gmail.com

**Gabrieli Lourdes Trevelin** – gabitrevelin4@gmail.com

**Maria Vitória Nava Lara** – vitoria\_navalara@hotmail.com

**Mayara Duarte Siqueira** – mayarad310@gmail.com

**Thauany Ferreira Tavares** – thauanyft98@gmail.com

**Thayanne Pastro Loth**<sup>13</sup> – loth.thayanne@gmail.com

### **RESUMO**

A Tuberculose (TB) é uma doença infecciosa produzida pelo bacilo de Koch, se caracteriza pelo aparecimento de um pequeno nódulo no pulmão chamado tubérculo, no entanto além dos pulmões, a tuberculose pode acometer também: laringe, ossos, rins, meninges, linfonodos, pleura, pulmão e coluna vertebral. A forma de transmissão dá-se pelo ar, através de gotículas contendo os bacilos expelidos por um indivíduo doente ao tossir, espirrar. O Plano Nacional de Controle da Tuberculose, define a TB como prioridade entre as políticas governamentais de saúde, pois a doença possui um fácil contágio, ocasionando números preocupantes em certas classes sociais, assim como é com os povos indígenas. Os altos índices de pacientes com tuberculose chamam a atenção para o sul de Rondônia, mais precisamente para região de Cacoal.

**Palavras Chave:** Tuberculose, Rondônia, Cacoal.

Orientador (a): Me. Thayanne Pastro Loth

---

<sup>12</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Bacharelado em Enfermagem - 2018

<sup>13</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Docente

## **PO – 07: JOGOS E BRINCADEIRAS DA CULTURA AFRO: JOGO DA VELHA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

**Jaqueline Siqueira Souza**<sup>14</sup> – jaquelinesiqueirasouza@gmail.com;

**Mirian Tatiane Bernardin** – mirianbernardin@gmail.com;

**Silvia Talia Cardoso de Araújo** – aliaaraujo010501@gmail.com;

**Joceli Mota Correa da Rocha**<sup>15</sup> – profmotacrocha@gmail.com;

**Rosângela Ribeiro da Silva Justo**<sup>16</sup> – rsjusto@gmail.com

### **RESUMO**

Este trabalho trata de uma pesquisa de revisão bibliográfica sobre as brincadeiras da cultura Afro brasileira. As brincadeiras são muito importantes para o desenvolvimento integral da criança e ao longo da história pode-se perceber que elas atravessam gerações e diversas culturas como por exemplo da África. Desse modo Silva (2001, p. 155) destaca que as raízes da cultura brasileira têm origem africana [...] o modo de ser, de viver, de organizar suas lutas, própria dos negros brasileiros, e de outro lado, às marcas da cultura africana que independente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia. Segundo Novais (2008) o Brasil possui vários jogos e brincadeiras da cultura africana e um que se destaca é o jogo da velha que se originou no Antigo Egito por escravos há 3.500 anos e seu nome foi originado na Inglaterra.

**Palavras-chave:** Jogos, Cultura, Afro-brasileira.

**Orientador (a):** Prof. Ma. Joceli Mota Correa da Rocha e Rosangela Ribeiro da Silva Justo

---

<sup>14</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Licenciatura em Pedagogia - 2018

<sup>15</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Docente

<sup>16</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Docente



## **PO – 08: AS DANÇAS CIRCULARES DA CULTURA AFRO E INDÍGENA NA AMAZÔNIA NA VISÃO JUNGUIANA**

**Álvaro Marçal Júnior**<sup>17</sup> – alvaromarcasjr@gmail.com

**Silas Rosa Júnior**<sup>18</sup> – silaspsi@gmail.com

### **RESUMO**

As danças circulares da cultura afro e indígena na Amazônia na visão junguiana, vem analisar com se dá os aspectos simbólicos das danças ou rodas, dos movimentos do corpo, das expressões corporais, dos sentimentos e do mundo imaginário da cultura dos povos antigos e o caráter sagrado por eles empregados. A abordagem da Psicologia Analítica Junguiana vem ressaltar a importância do olhar da psicologia para as questões simbólicas e de suas relações com a cultura, as relações sociais que as danças circulares trazem ao ser humano e do convívio social em comunidade.

**Palavras-chave:** Danças Circulares, Afro, Indígena, Amazônia, Psicologia Junguiana.

**Orientador (a):** Prof. Esp. Silas Rosa Júnior

---

<sup>17</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Docente

<sup>18</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Docente

## **PO – 09: A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR A CULTURA AFRO NAS ESCOLA E SUA DESMISTIFICAÇÃO**

**Carina de Andrade Silva Tamarossi**<sup>19</sup> – karinatamarossi@gmail.com

**Euziane Evangelista Xavier** – euzianeepb@gmail.com

**Franciele Afonso Lopes** – francielelopesafonso@outlook.com

**Leila Aparecida Medeiros** – leilaaparecidamedeiros3@gmail.com

**Helena Cristina Grilli Gama**<sup>20</sup> – hcgg\_ro@hotmail.com

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo bibliográfico sobre a cultura afrodescendente e sua importância para educação e construção no Brasil, a implementação da Lei 10.639/03, que visa a inclusão nos currículos oficiais escolares o ensino da cultura afro-brasileira e africana. Foi abordado a história dos negros e sua trajetória e sofrimento ao deixar seu país. Sendo assim, a fundamentação teórica teve com base, a História dos negros no Brasil, sua contribuição para o desenvolvimento econômico, preconceitos discriminação e racismo sofrido até os dias atuais. Dentro dessa análise procuramos discutir o que é ser afrodescendente no Brasil, e a importância de ensinar sua cultura, tendo como objetivo desmistificar toda a história criada ao longo dos anos e conseqüentemente acabar com o preconceito racial e religioso, tendo como base a discussão desta trajetória, dentro da educação formal e a partir daí entendemos a valorização da diversidade

**Palavras chaves:** Afrodescendente, preconceito, contribuição e desmistificação

**Orientador (a):** Prof. Ma.: Helena Cristina Grilli Gama

### **INTRODUÇÃO**

Neste presente artigo, iremos relatar a trajetória dos afrodescendentes no Brasil, desde a sua migração até o presente momento. Sabemos que os negros desde a colonização vieram para o Brasil, para serem explorados através de um trabalho escravos, pois os mesmos eram dotados de força para, assim trabalhar em suas lavouras.

Nesse contexto, os negros trabalharam sem direitos a reconhecimento e liberdade, vivendo em senzalas com alimentação precária e regulada pelos seus senhores. Os escravos eram chicoteados, abusados, até mesmo para tomar água teria que ter permissão para tal ação, suas atitudes e suas atividades diárias eram anotadas, sendo os fatores responsáveis por essa tarefa. Em tempos de colheita frutíferas, os escravos eram amarrados e suas bocas tapadas para que não ingeriram

---

<sup>19</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Licenciatura em Pedagogia - 2018

<sup>20</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Docente

nenhum alimento, e esse instrumento muitas das vezes atrapalhava suas respirações e dificultavam seu desenvolvimento no trabalho. Aqueles que se atrevessem a desobedecer quaisquer ordens eram punidos de forma severa em público para mostrar a todos que as ordens não deveriam ser desobedecidas.

A história dos negros no Brasil tem sido de grande importância, pois tiveram e têm grande relevância na edificação econômica e social. Porém a sociedade brasileira tem grande dificuldade de tratar as pessoas de forma igual, em assim sendo, preciso é trabalhar muito para construirmos uma forma de nos relacionarmos melhor com uma cultura que é essencial.

Trataremos neste artigo implementações de leis que abordam a origem africana no Brasil, a desmistificação da cultura afro, e suas contribuições na sociedade.

## **1. A HISTÓRIA DOS NEGROS NO BRASIL**

O Brasil é o país com maior número de negros fora do continente africano, sendo também o país das Américas que mais aproveitou da mão-de-obra escrava negra e o que preservou a escravidão por mais tempo. No Brasil os escravos tiveram grande importância no desenvolvimento do país.

Segundo os dados do IBGE divulgado em novembro de 2006 comprova que:

A escolaridade dos pretos e pardos é menor que a dos brancos. Há desigualdade também nos indicadores educacionais. A população em idade ativa preta e parda tinha 7,1 anos de estudo, em média, e era menos escolarizada que a população branca (8,7 anos de estudo, em média). Foi apurado, também, que 6,7% das pessoas pretas e pardas com 10 a 17 anos de idade não frequentavam escola, contra 4,7% dos brancos. E enquanto 25,5% dos brancos com mais de 18 anos frequentavam ou já haviam frequentado curso superior, o percentual era de apenas 8,2% para os pretos e pardos. Mas houve alguma evolução neste indicador: em setembro de 2002, apenas 6,7% dos pretos e pardos frequentavam ou já haviam frequentado curso superior. (IBGE, 2010).

A situação da invisibilidade nos direitos legais, concedidos ao negro durante anos nas Constituições brasileiras, deixou de falar sobre a condição dos escravos e seus descendentes, como se esses não fossem digno de direito, mostrando-se através da lei ser um país, totalmente excludente. Isso significa que o poder sócio-político e econômico permaneceu centrado nas mãos das elites brancas por quase

toda a história do Brasil. Foram necessários muitos anos para que medidas fossem tomadas sobre as situações dos escravos.

Segundo Andrade 2013

A Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel em maio de 1888 marcou o fim da escravidão, sendo o Brasil o último país independente a findar este sistema. Um dos problemas em torno da abolição é que ela foi apresentada pelo estado monárquico como um presente, e não como conquista é resultado de lutas travadas por atores fundamentais: é preciso destacar o envolvimento decisivo dos escravizados nesta luta. E mesmo com essas “medidas”, os negros sempre estiveram em desigualdade em relação aos brancos até os dias atuais. Entender a história dos negros no Brasil é acabar com a desigualdade que os afrodescendentes vêm enfrentando ao longo dos anos, pois muitos ainda se deparam com situações conflitantes de racismo, onde o foco principal é a cor da pele, fato este notável em rodas de conversas com piadas de mau gosto, de carácter pejorativo.

Santos (2005, p.21), nos retrata bem o que foi a escravidão racial conforme, citado abaixo:

A escravidão racial que estava submetida a escravidão emerge, após a abolição, transpondo-se ao primeiro plano de opressão contra os negros. Mais do que isso, ela passou a ser um dos determinantes do destino social, econômico, político e cultural dos afro-brasileiros (SANTOS,2005, p.21)

A escassez de políticas públicas para a população negra foi um fator de lutas sociais, para que, nossos governantes através de leis, viessem inserir os negros na sociedade.

De acordo com SILVA (2012, p. 117) “Se entende que não é possível “lutar” com igualdade uma vez que a história entre negros e brancos é de desigualdade”, pois mesmo havendo muitas manifestações, não podemos mudar a história entrevista brancos e negros, porque a cultura do racismo foi implantada desde a construção do nosso país, e o que se almeja hoje é que haja respeito entre as raças e que haja uma equidade nos direitos. E as futuras gerações entenda desde cedo a importância desse marco histórico, da miscigenação do nosso país e com isso possa haver maior tolerância entre os meios sociais.

## **2. A CONTRIBUIÇÃO DO POVO NEGRO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BRASIL**

No que diz respeito a cultura negra, este é um item essencial no que tange a formação da identidade brasileira, no entanto somente quando data do início do século XX é que as origens africanas começaram a ser aceitas, em que é possível ver por exemplo as manifestações, rituais e costumes. Muito embora tenha havido repressão às manifestações, estas manifestações culturais permanecem vivas até hoje (Portal Brasil)

Observa-se nos conteúdos escolares que existe uma vasta abordagem sobre diversas culturas em relação aos povos antigos no mundo, por exemplo, tal como estudos sobre o Egito, mais pouco existe em termos de conteúdo escolares sobre a África.

Em relação aos povos africanos, estes já tinham diversas técnicas mais avançadas quando comparados aos portugueses, em que podem se citar, técnicas relacionadas à metalurgia e a siderurgia. Os africanos já trabalhavam o cobre e o estanho, de maneira que fora possível trazer tal conhecimento ao Brasil.

Outro fato que se pode citar é que os portugueses tomaram conhecimento do que seria a enxada de ferro através do contato com os ganenses e nigerianos (FONSECA, 2009).

Os africanos não deixaram de lado os seus costumes e religião, somente pelo grande fato do esforço da sua fase de vida. Ordenava-se suas pequenas festas, decoravam-se os corpos com suas próprias imaginação, era possível também lembrar de suas origens tais como o Rei Congo, congada, música que abordava uma trajetória de aflição em comparação com os raros momentos de alegria, em que a língua de origem sobressaía no canto (RIBEIRO, 1995).

Em função da condição de escravos, essa cultura não tinha o direito de se pronunciar-se abertamente, mas mesma assim, nasceram nas crenças religiosas e práticas mágicas a que se apegam em seu desamparo no mundo hostil em que viviam, o qual transformavam em danças e músicas, acarretando assim a aflição do dia a dia. Ligada mente com esses valores espirituais acrescentam-se reminiscências rítmicas, musicais saberes e gostos culinários. Essa herança africana, associada às crenças indígenas, resultou numa expressão cultural brasileira (RIBEIRO, 1995).

Em relação ao que fora herdado dessa cultura, pode-se citar como mais importantes da integração dos negros na sociedade brasileira é justamente a gastronomia. Naquela época os negros eram obrigados a reinventar novas culinárias. Assim cresceram o interesse por novas culinárias e a capacidade de inventar várias receitas, acrescentando ingredientes europeus e indígenas (SANTOS, 2016).

Ao incluir-se à vivência dos brasileiros, o negro se tornou afro-brasileiro, e mais que isso, se tornou um brasileiro. Não tão somente dos traços físicos, da dança e da música, mas sim na religiosidade que encontramos a presença dos africanos no nosso sangue (SANTOS, 2016).

Contudo os negros, ou seja, povo aquele que com suas mãos, seu esforço e trabalho, fizeram por construir as bases deste país, foram deixados excluídos desta nação. Em que ao se falar da Lei Áurea, que fora apenas um sonho. Quando a escravidão fora abolida a escravidão, os negros se viram marginalizados, fora tirado seu acesso à terra, à educação, à habitação, à vida com dignidade. De maneira que foram expulsos da agricultura e do mercado de trabalho da nova economia industrial, uma vez que fora beneficiado outros povos, podendo se citar as políticas de subsídio à emigração europeia, incentivadas pelo desejo de embranquecimento, projeto perverso e racista das elites brasileiras, visando negar sua face africana da população brasileira. (SANTOS, 2016).

### **3. PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E RACISMO**

É comum se ouvir falar muito sobre normas, valores e regras de condutas que devem ser seguidas pelas pessoas para o bom convívio em uma determinada sociedade. Esse conjunto de normas é denominado moral. Segundo Vásquez (1990, p. 25), “[...] é um conjunto de normas e regras destinadas a regular as relações dos indivíduos numa comunidade social”. Esta parece ser uma questão de fácil resposta, mas muita das vezes não se sabe bem o seu significado.

Contudo, o significado, a validade e a função da moral podem variar historicamente nas diferentes sociedades, de acordo com as situações sociais e necessidades humanas principalmente quando falamos de preconceito, discriminação e racismo.

A população negra de nosso país sofre diversos tipos de preconceito, o que reflete de uma forma negativa na sociedade, o que, envolve tratamento discriminatório e excludente. Mesmo descrito na constituição, nos dias atuais ainda se encontra casos onde há situações de preconceito, discriminação, racismo.

A Constituição Federal (Art.5º) declara que "todos são iguais perante a lei", mas a desigualdade social é histórica e a discriminação social é permanente, pois faz parte da atual realidade brasileira, que exige medidas, para que haja uma mudança,

compreender a origem do preconceito, faz se necessário entender primeiro seu significado:

## **PRECONCEITO**

Segundo Flávia Cunha, Preconceito é uma opinião que formamos das pessoas antes de conhecê-las. É um julgamento apressado e superficial e muito perigoso, pois ao invés de melhorar a nossa vida e da sociedade, acaba trazendo muitas situações complicadas e até mesmo violentas.

Sendo assim com base na definição acima, percebe-se que o preconceito pode ser encontrado nos mais diversos setores da sociedade. Assim, pode ter origem nos mais diversos modos, pode escolher suas vítimas e agir de modo violento e irracional sem que ao menos possamos nos dar conta.

Nessa direção, Michael Taussig (1993) argumenta que toda a construção o da alteridade é preconceituosa. O preconceito é visto como uma forma de construção do outro, de uma alteridade a partir da própria neutralização desse outro/ alteridade. Assim, outorgar significado ao outro é um processo que se dá devido a eliminação da resistência que esse outro pode representar e operar.

Ou seja, para Taussig, a noção de preconceito não faz lembrar de alguém, mas faz tornar alguém disponível no seu próprio corpo a imagem de outra pessoa. Isso implica um 'moldar-se' para ser 'incorporado' de alguma forma pelo outro.

O preconceito caracteriza-se então pelo conteúdo de uma: Atitude interior (no sentido interno) de um sujeito que viola os atributos e os qualificativos em relação ao outro sujeito, estabelecendo o funcionamento cognitivo e os contatos perceptivos de forma equivocada, cindida e traumática; portanto, pondo sempre a prova (ou derrotando) as capacidades e os recursos simbólicos do outro. TAUSSIG, 1999, p. 159.

## **RACISMO**

O racismo tem uma ligação direta atribuindo características biológicas e qualidades morais, intelectuais ou comportamentais, originando que e uma hierarquização de uma raça humana sobre a outra. Elementos como a melanina de uma pessoa formato do crânio são levados e conta na qualidade arbitrária, da inteligência ou capacidade de comandar outra pessoa. Palavras racistas historicamente têm servido para comprovar a naturalização da desigualdade e

relações de dominação, naturalizando desigualdades de todos os tipos e confirmando genocídio e atrocidade.

De acordo com Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes (2006, p.175), inicialmente, é de suma importância explicar o significado do termo Raça, de forma que “nesse campo, trata-se de um conceito utilizado para definir classes de animais que têm origem em um tronco comum, com características e potencialidades físicas específicas relativas à [sic] cada raça”.

Por sua vez, este conceito fora aplicado pelos Nazistas para justificar a suposta supremacia dos brancos e arianos sobre outros grupos (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 175).

O racismo tinha uma visão teológica, baseados na leitura de episódios que estão na bíblia livro sagrado, como aquele no qual Noé amaldiçoa seu único filho negro, afirmando que seus descendentes seriam escravizados pelos descendentes de seus irmãos. Com base nesses episódios justificava a relação de exploração, como a escravização do povo africano pelos europeus. Já no século XVIII surgem as primeiras teorias racistas de cunho científico. A ciência classificava as plantas e os animais com essa visão começou a fazer o mesmo com o ser humano seu critério era pigmentação da pele. Com base nisso a classificação era atribuída ao comportamento a moral tanto para o lado depreciativos ou valorativos, ia depender de que “raça” se está tratando.

Segundo Nelson Joaquim, 2006 o racismo é uma doutrina ou ideologia que defende a existência de hierarquia entre grupos humanos, ou seja, algumas raças são superiores a outras, assim os superiores teriam o direito de explorar e dominar os inferiores.

## **DISCRIMINAÇÃO**

De acordo com, Ilze Arduin a discriminação étnica se evidencia quando, em condições sociais dadas, de suposta igualdade entre brancos e negros, se identifica um favorecimento para um determinado grupo nos aspectos social, educacional e profissional. Fato que expressa um processo institucional de exclusão social do grupo desconsiderando suas habilidades e conhecimentos.

A discriminação racial opera, na nossa sociedade, como um processo que acarreta inúmeras desvantagens para o grupo negro e para toda a sociedade brasileira, direta ou indiretamente. Compreende-se que o reconhecimento positivo das



diferenças étnicas deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida. Para tornar a pré-escola um espaço positivo ao entendimento das diferentes etnias, é necessário observarmos o processo de socialização atualmente desenvolvido no espaço escolar, que conforme demonstrado por diversos estudos e pesquisas parece ignorar essa questão. Contudo, a educação infantil não pode esquivar-se do dever de preparar o indivíduo para a existência das diferenças étnicas, já que ela, inevitavelmente, permeará a sua relação com os demais cidadãos. (CAVALLEIRO, 2006 p. 26).

A Carta Constitucional de 1988 alargou as medidas proibitivas de práticas discriminatórias no país, como discriminação contra a mulher, discriminação contra a criança, adolescente, contra o portador de deficiência, discriminação em razão da idade, a discriminação contra o idoso, ao credo religioso, convicções filosóficas e políticas, discriminação em função do tipo de trabalho, discriminação contra o estrangeiro e prática da discriminação, preconceito e racismo.

Segundo o jurista constitucionalista José Afonso da Silva:

A discriminação é proibida expressamente, como consta no art. 3º, IV da Constituição Federal, onde se dispõe que, entre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, está: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (Art. 7º, XXX e XXXI).” (Curso de Direito Constitucional Positivo, 2003, p. 222).

De acordo com, Sérgio Martins, 1999, p. 27. A discriminação racial está em foro Constitucional, que considera prática do racismo como crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão (art. 5º, incisos XLI e XLII), para o direito penal brasileiro, a prática da discriminação e preconceito por raça, etnia, cor, religião ou procedência nacional consiste em delito previsto na lei 7.716/89, alterada pela lei 9.459/97.

Segundo art. 140, parágrafo terceiro do Código Penal: *Se a injúria utilizar elementos relacionados à raça, cor, etnia, religião ou origem*, a pena é de reclusão, de 1(um) a 3(três) anos e multa. De acordo com a intenção da lei nova, chamar alguém de judeu, pretão, negão, crioulo, miserável, preto, fanático religioso, pobretão, etc., desde que com intenção ou vontade de lhe ofender a honra e a dignidade relacionada com a cor, religião, raça ou etnia, sujeita o autor a uma pena prevista na lei pena. Da mesma forma a prática da discriminação constitui-se, em matéria civil (art. 186 do Código Civil) um ato ilícito praticado em desacordo com a ordem jurídica, violando direito subjetivo individual.

Portanto, a hostilidade que o preconceito, racismo, discriminação gera é extremamente perigosa. Devemos conscientizarmos uns aos outros que o preconceito é sinônimo de ignorância e falta de conhecimento, e pior, este gera violência contra a dignidade humana, ferindo o princípio do Estado Democrático de Direito. A harmonia social depende de uma sociedade que reconhece que todas as pessoas têm dignidade incondicionalmente de raça, cor, sexo, ideologia, cultura e etc.

A pessoa que faz isso, geralmente, quer valorizar a si próprio e diminuir os demais mesmo “de brincadeira”. É insegura porque não tem capacidade de conviver com os outros e aceitar as diferenças naturais entre os seres humanos. Os preconceituosos e racistas têm dificuldades em aceitar e conviver com a diferença e, às vezes, suas atitudes chegam ao delírio, projetam sobre os outros que julgam inferiores a eles e que não podem ter os mesmos direitos, tratando assim de maneira discriminatória. Discriminação é, portanto, tratar os outros com inferioridade, se julgando superior.

#### **4. A CRIAÇÃO E A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003 E AS DIFICULDADES EM SUA CONCRETIZAÇÃO**

Com o grande descaso com os povos negros, mesmo tendo uma constituição que garantisse o direito do negro na sociedade, as escolas ainda trazem esse tema com descaso, e sem conhecimento, de maneira superficial. Notamos que outras culturas são muito faladas em sala, entretanto a cultura afro brasileira, vem de maneira “rasa” e de pouca importância, se tem um pré-conceito sobre os negros sem realmente conhecer os grandes benefícios para nosso país.

A partir de 2003, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), trouxe a importância do ensino da História da África, que seria a única maneira de combater o preconceito, pois é através da educação que tudo pode se transformar, pois esse preconceito veio através da educação que o povo brasileiro daquela época tinha com os negros.

Os negros vieram ao Brasil e trouxeram cores, costumes, estilos de músicas, máquinas para a agricultura entre outros, contribuindo assim para a diversidade que é o nosso País, um exemplo, é os estilos de músicas que temos, as roupas estampadas, e a variedade de cor de pele que deixa nosso país muito mais alegre.

Com isso foi criada a Lei 10.639/2003, que mudou 9.394/96, e inclui no currículo a temática “ História e Cultura Afro Brasileira”, para que as instituições de ensino trabalhem projetos para combater o racismo.

A nova legislação acrescentou dois Artigos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96):

Art.26-A- estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre história e Cultura Afro Brasileira.

Parágrafo Primeiro - O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

Parágrafo segundo - Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro Brasileira serão ministrados no âmbito de todo currículo escolar em especial, nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.

## **5. A IMPORTÂNCIA DA DESMISTIFICAÇÃO DO AFRODESCENDENTE:**

Primeiramente devemos saber o que significa o termo “desmistificação”, que segundo o Dicionário Aurélio Desmistificação significa romper com o mito, romper com o enigma acerca de algo. Significa também tirar do senso comum, desligar da ideologia, dissecar sem alienações.

De acordo com o Dicionário Informal afrodescendente significa pessoa de origem ou parentesco da raça negra.

De acordo com Queiroz (2016) deve ficar a cargo da instituição escolar desmistificar a visão eurocêntrica, visão esta que a sociedade tem sobre o africano bem como o afro descendente também, de maneira a revelar os motivos do preconceito e também de distinguir os diversos traços culturais contidos na cultura brasileira.

É muito importante desmistificar a ação dos negros que era vista como preguiçosos e ingratos e não como uma raça que foi retirada do seu país a força para construir e modificar toda uma realidade da nação brasileira.

## **O QUE É SER AFRO DESCENDENTE NO BRASIL?**

Segundo Souza (2012) em seu artigo relata que O afrodescendente é um ser humano (homem ou mulher) originário da África ou que tenha linhagem do povo

africano e que vive fora da África. É um povo, que no passado vivia numa escravidão terrível, sendo forçados a executarem trabalhos onde exigiam muita força e que o homem branco não queria fazer, mas graças à Lei Áurea, foi abolida a escravidão. No tempo da escravidão propriamente dita, o negro era avaliado como um objeto, hoje, o mesmo é avaliado como um cidadão de segunda qualidade.

Em tempos de cativeiro (escravidão) os negros eram considerados como objeto sem valor e sem caráter humano. Além de desenvolverem trabalhos pesados ainda eram considerados como preguiçosos.

Atualmente tem-se notado que os negros são cidadãos de segunda qualidade, pois em 13 de maio de 1888 foi extinta a escravidão, assinado o decreto pela Princesa Isabel, mas sabemos que somente pelo papel que isso foi consumado, pois até hoje os afros sofrem com trabalhos escravizados, uma prova disso é a desigualdade salarial entre brancos e pretos.

Segundo o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011), de um total de 190 milhões de brasileiros, 91 milhões se classificaram como brancos (47,7%), 15 milhões como pretos (7,6%) e 82 milhões como pardos (43,1%). Assim, somando-se a população autodeclarada como preta com a parda, uma vez que está decorrente da miscigenação do branco com negro, tem-se uma população que representa 50,7% do total, ou seja, atualmente a população brasileira é formada, em sua maioria, por negros e seus descendentes.

A partir desses dados acima relatado, tem-se a prova de que os negros são a maioria do povo brasileiro, e apesar disso são os que mais sofrem preconceito pela cor da pele, sendo que como todos seres humanos, pode não se ter as mesmas culturas e gostos, mas todos querem ter os mesmos direitos e igualdade.

Os afrodescendentes padecem muitas humilhações no mercado de trabalho, pois é sempre colocado para executar seu trabalho em serviços menos valorizados e em que seu salário é reduzido.

Segundo os dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do IBGE, um trabalhador negro no Brasil ganha, em média, pouco mais da metade (57,4%) do rendimento recebido pelos trabalhadores de cor branca. Em termos numéricos, estamos falando de uma média salarial de R\$ 1.374,79 para os trabalhadores negros, enquanto a média dos trabalhadores brancos ganham R\$ 2.396,74. (Dados do IBGE 2013)

Tais indicativos demonstram que a população brasileira desqualifica os afrodescendentes, mesmo sendo a maioria dos habitantes brasileiro. Isso tem indicado que os negros sempre vão lidar com preconceitos, até que opere então desmistificação para tal combate.

## **6. QUE TIPO DE TRAJETÓRIA ESCOLAR DEVEMOS CONSTRUIR PARA QUE O PRECONCEITO RACIAL, E DE OUTRAS ORDENS PODEM SER MISTIGADO:**

Primeiramente a auto diferença tem que ser comentado em casa com as crianças desde pequenas, para que elas se sintam bem, assim como são, e não achar que o outro é melhor por ser diferente ou possuir coisas melhores.

É comum o ser humano se achar desigual do próximo por ele ser mais claro, ou ter olhos azuis ou verdes, por ter um cabelo liso ou cacheado, porém isso é algo que construímos dentro de nós mesmos, e levamos para nossa vida toda. Porque de alguma forma observamos assim e cativamos para dentro do nosso ser, pequenas coisas que ao longo do tempo vão se aumentando e passando a ser maior ainda quando não sabemos lidar com certos atos que acontece em nossas vidas.

Acreditamos que é no seio familiar que se constrói a formação de valores e éticas, e que o mesmo é refletido nas escolas, no trabalho e principalmente na convivência humana.

Critica-se muitas vezes o “eu”, pensando-se assim que se mudasse alguma característica dentro da minha pessoa, ficaria melhor. Segundo Freud isso é coisa da nossa mente:

Grande parte daquilo que não se quer abandonar por seu caráter prazeroso não pertence ao Eu, mas sim aos objetos; reciprocamente, muitos sofrimentos que o Eu pretende desembaraçar-se resultam ser inseparáveis do Eu, de procedência interna. Contudo, o homem aprende a dominar um procedimento que, mediante a orientação intencional dos sentidos e da atividade muscular adequada, lhe permite discernir o interior (pertencendo ao Eu) do exterior (originado pelo mundo), dando assim o primeiro passo na entronização do princípio de realidade. (FREUD, 1974a, 3019).

No cenário escolar, os princípios de valores devem conter-se na prática de cada professor, para que esse possa transmitir aos discentes, não como uma disciplina que é obrigatória, mas sim como uma missão de vivência e aprendizagem. Porém a escola

deve ser um local onde as condutas morais são como uma edificação para os alunos, para que proceda reflexões sobre o que é transmitido, e não exclusivamente impostos.

Aranha (2002, p. 119) diz que “A educação se tornará mais coerente e eficaz se formos capazes de explicitar seus valores, ou seja, se desenvolvermos um trabalho reflexivo que esclareça as bases axiológicas da educação”.

É muito importante as crianças aprendem nas escolas sobre as diferenças. Isso faz com que ela tenha modos e se aceite como é, e que não tenha vergonha de sua cor e cultura, fazendo assim um cidadão crítico e respeitoso.

É indispensável que os docentes dominem com seu aluno um ambiente em que todos privilegiem as diversidades e se preocupem com o próximo.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa (INEP) em 2009 mostrou que 93,3% dos entrevistados possuíam algum tipo de preconceito racial, socioeconômico, de gênero, orientação sexual ou territorial. E essa porcentagem corresponde a mais de 18 mil pessoas em 500 escolas do país, incluindo não apenas estudantes, como também pais, educadores e funcionários da instituição.

Isso comprova que o preconceito sempre existe no meio das pessoas, e para isso acabar, devemos ensinar as crianças a não serem preconceituosas.

Segundo o professor AQUINO (2008), em seu artigo “aceitar-se para ser feliz” relata uma reflexão que todos deveriam se aceitar como são: Aceite-se também diante dos outros; não se sinta pequeno ou invejoso porque o seu colega tira notas melhores do que você, ou porque ele se destaca e você não. Não deixe a inveja aninhar-se no seu coração; lance-a fora, é um veneno. Seja o que você é diante dos outros; não finja ser outra pessoa, e não fique paralisado diante dele por um complexo de inferioridade. A melhor maneira de impressionar alguém é ser autêntico e espontâneo diante dele. A personalidade é para o homem o que o perfume é para a flor, o que a luz e calor são para o sol. Uma engrenagem pequena não é menos importante do que uma engrenagem grande num jogo de engrenagens. Um tijolinho que falte em uma construção deixa um buraco na casa. Cada um é importante neste mundo de Deus.

Essa meditação que foi citada acima faz com que as escolas despertem dos alunos que eles não são inferiores e nem melhores que os outros, mais sim autossuficiente para si mesmos.

## **7. POR QUE É IMPORTANTE ENSINAR A CULTURA AFRO? ACABAR COM O PRECONCEITO QUE NÃO É SÓ RELIGIÃO?**

Por que é importante ensinar a cultura afro?

A escola tem um papel fundamental visto nela um lugar de identidades, onde pode verdadeiramente entender a mistura que é o Brasil através de estudo e pesquisa sobre a cultura que faz parte e na instituição que dissemina a importância que os africanos têm na construção do país brasileiros, baseado na trajetória da África ensina-se valores e com isso as crianças, os jovens e adultos devem ter acesso ao ensino da história e da cultura afrodescendente pautado no respeito à diversidade, valorização das matrizes africanas e conteúdos sobre.

A educação tem fundamental importância nesta luta, pois se acredita que o espaço escolar seja responsável por boa parte da formação pessoal dos indivíduos, sendo assim um ambiente fundamental para a superação das desigualdades raciais e superação do racismo (Costa e Dutra, 2009).

De acordo com Jailza Conceição (2016). No processo de educação fica notório a necessidade de se acreditar na importância da educação como ferramenta principal para o combate ao racismo e a desigualdades raciais, social, em que o espaço escola terá uma significativa contribuição na formação desses indivíduos percebendo o racismo como algo que não se deve existir “ Pensar cultura negra é pensar o reterritorialização dos negros no Brasil. É preciso buscar meios relacionados a educação para que se faz acabar ou ao menos diminuir as práticas racistas na escola: isso será possível através das práticas do PCN.

Afirma Santana, (2006, p.8). É interessante notar que não é somente o professor quem irá desenvolver essas ações, mas é importante que a escola, de um modo geral, esteja envolvida porque ela deve ser um espaço onde se assume o papel de “[...] educar para a cidadania, para superar a cultura do preconceito e da discriminação”.

Acabar com o preconceito que não é só religião?

Nos dias atuais, com tanto acesso à informação e tecnologia, é inevitável negar o quão plural o mundo está. Isso não significa que a sua diversidade vem de agora, mas, graças à evolução do próprio homem, somente na atualidade é que ela está podendo ser vivenciada e respeitada.

De acordo com Oliveira, 1995, p.117. Desde as antigas civilizações, percebe-se o culto ao sobrenatural como algo muito importante, mostrando que o espírito de religiosidade acompanha o homem desde os primórdios.

Cada povo tem sua cultura própria, tem o culto ao sobrenatural como motivo de estabilidade social e de obediência às normas sociais. As religiões, as liturgias variam, mas o aspecto religioso é bem evidente. O homem procura algo sobrenatural que lhe transmita paz de espírito e segurança; A religião sempre desempenhou função social indispensável.

Diante disso, a diversidade racial, sexual, política e religiosa sempre existiu, no entanto, alguns negam a aceitar esses dias mais harmoniosos onde várias religiões se respeita e insistem em ser intolerantes, acreditando de forma errônea que sua religião é melhor que a do outro, nota ainda que em pleno século vinte um, motiva guerras e dissemina o preconceito religioso.

Bobbio (1909) explica que há dois tipos de tolerância, a negativa e a positiva. A negativa seria:

Não obstante o reconhecimento que o princípio de tolerância obteve como regra de convivência e, portanto, como regra prática, ele está obrigado a se defender continuamente, no plano teórico, da acusação de ser expressão de indiferença religiosa, se não mesmo de mentalidade irreligiosa.

[...] Em toda tradição da doutrina da Igreja, o termo "tolerância" é entendido em sentido limitativo, como "aceitação", por razões de conveniência prática, de um erro. Ao passo que o respeito é dirigido àquilo que se considera um bem, a tolerância é exercida perante aquilo que se considera um mal, mas que por razões de prudência não se impede, ainda que se possa impedir. (BOBBIO, 1909, p. 150).

E o positivo: Para que a tolerância adquirisse um significado positivo, foi preciso que ela deixasse de ser considerada como uma mera regra de prudência, a aceitação do mal ou do erro por razões de oportunidade prática. Foi preciso que a liberdade de fé ou de opinião, assegurada por uma correta aplicação da regra da tolerância, passasse a ser reconhecida como a melhor condição para fazer que, mediante a persuasão e não a imposição triunfe a verdade em que se crê. (BOBBIO, 1909, p. 151).

Infelizmente, a intolerância com a fé atravessa a história da humanidade. Desde a Idade Média, há relatos de perseguições a judeus, considerados assassinos de Jesus, e de caça às bruxas considerada na época como feiticeiras, nessa caça muitas pessoas inclusive feminina foram mortas e queimada com a acusação de feitiçaria e de ter contato com o demônio e manter relação sexuais com o mesmo em nome dessa



intolerância ouve-se muita crueldade. Combater o preconceito religioso é algo necessário para convivermos em uma sociedade mais justa onde todos tenham a liberdade de acreditar nas suas próprias convicções e viver em harmonia e respeito pelo outro independente da sua religião. Neste sentido, Bobbio (1909) afirma:

[...] creio que a democracia pode servir também para isto: a democracia vale dizer, uma sociedade em que as opiniões são livres e, portanto, são forçadas a se chocar e, ao se chocarem, acabam por se depurar. Para se libertarem dos preconceitos, os homens precisam antes de tudo viver numa sociedade livre. (BOBBIO, 1909, p.118).

Respeitar a religião do outro e aceitar e compreender que as pessoas são diferentes entre si. Diante disso ninguém é obrigado a acreditar em um “deus” único e nem na existência do próprio ser divino. A fé é algo pessoal e não adianta ninguém impor a sua para o outro.

Devido ao cristianismo predominar aos costumes, religiões como candomblé, umbanda, islã, judaica, wicca e até mesmo o ateísmo, que sequer é uma religião, mas se caracteriza como uma crença, acabam sendo alvo de preconceito religioso. Por isso é essencial que nas escolas seja trabalhado, desde das séries iniciais as diferentes religiões para que haja respeito mútuo e não gere violência futuras.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma pequena trajetória dos afrodescendentes no Brasil, desde a sua escravidão, tempo em que eram mantidos a cativeiro pelos colonizadores da época, criação e implementação das leis que foram a favor dos escravos, dando assim sua libertação, para que vivesse livre e possuíssem os mesmos direitos dos brancos, a importância e as culturas que os afros trouxe para o Brasil, sendo elas muito usadas por todos não importando a cor. A desmistificação dos afrodescendentes, caso esse muito importante, mas que até hoje ainda se tem muita dificuldade para ser mistigado, apesar de se tratar da maioria sendo negros. Assuntos sobre como ter a quebra do preconceito racial e de outras ordens, para se trabalhar nas escolas, fato muito delicado, por se tratar de escravidão e ter sido de forma rigorosa, porém os docentes e a equipe pedagógica da escola têm que saber lidar, pois há muito bullying a respeito de preconceitos e brincadeiras que não agrada.

Portanto esse trabalho é de grande valia, pois se trata de seres humanos, mas que muitas pessoas discriminam, por causa da cor da pele e do seu passado obscuro.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

FREITAS, Madalena Dias Silva. **REFLETIR SOBRE A HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL: UMA REPOSTA AO RACISMO.**2012. Disponível em: <[http://www.cdn.ueg.br/arquivos/ipora/conteudoN/975/CE\\_2012\\_27.pdf](http://www.cdn.ueg.br/arquivos/ipora/conteudoN/975/CE_2012_27.pdf)>. Acesso em: 19 abr. 2018.

JOAQUIM, Nelson. **Igualdade e discriminação.** 2006. Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2652/Igualdade-e-discriminacao>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

LIMA, Flávia Cunha. **Preconceito, racismo e discriminação no contexto escolar.** 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/preconceito-racismo-e-discriminacao-contexto-escolar/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BARROS, Lorena Pinheiro. **Discriminação racial: obstáculos e conquistas.** 2009. Disponível em: <<https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/1046513/discriminacao-racial-obstaculos-e-conquistas-lorena-pinhoiro-barros>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

LIMA, Mateus Henrique da Silva. **O preconceito e as suas consequências sociais.** 2016. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos-academicos/19967-o-preconceito-e-as-suas-consequencias-sociais>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

SCOPEL, Delza Tonole; GOMEZ, Mercedes Silverio. **O PAPEL DA ESCOLA NA SUPERAÇÃO DO PRECONCEITO NA SOCIEDADE BRASILEIRA.** 2006. Disponível em: <[http://www.faacz.com.br/revistaeletronica/links/edicoes/2006\\_01/edutec\\_delza\\_preconceito\\_2006\\_1.pdf](http://www.faacz.com.br/revistaeletronica/links/edicoes/2006_01/edutec_delza_preconceito_2006_1.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analla Soria. **Preconceito e discriminação, o como preconceito e discriminação, o como expressões de violência expressões de violência.** 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SILVA, Sérgio Gomes da. **Preconceito no Brasil Contemporâneo.** 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n2/v23n2a02.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

LIMA, Mateus Henrique da Silva. **O preconceito e as suas consequências sociais.** 2016. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos-academicos/19967-o-preconceito-e-as-suas-consequencias-sociais>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MACHADO, Maurimar Melo Santos Costa; REIS, Maria das Dores; LOPES, José de Sousa Miguel. **O PRECONCEITO NO CONTEXTO EDUCACIONAL.** 2004. Disponível em Dicionário Aurélio, Disponível em; <https://www.dicio.com.br/desmistificar/>

Acesso em: 02 abr. 2018:

<[https://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/02/downloads/artigo\\_04.pdf](https://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/02/downloads/artigo_04.pdf)>.

Acesso em: 16 abr. 2004. SANTOS, Maria Arlete. Contribuição do negro para a cultura brasileira. Revista Temas em Educação e Saúde, Araraquara, v.12, n.2, p. 217-229, jul./dez. 2016. ISSN: 1517-7947.

PORTAL BRASIL. Cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária. Disponível em: Cultura > 2009 > 10>. Acesso em: 12 dez. 2015.

PORTAL CULTURA AFRO-BRASILEIRA. Influência Negra no Brasil. Disponível em: . Acesso em: 10 dez. 2015

FONSECA, D. J. **Políticas Públicas e ações afirmativas**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

RIBEIRO, D. Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. 2ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia Pizauro. **Implementação da Lei 10.639/2003 – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social**. 1980. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v28n1/1980-6248-pp-28-01-00055.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

NUNES, Ranchimit Batista. **Tetando entender a diferença: porque afrodescendente nao negro, pardo,,mulato preto?**2017. Disponível em: <<http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/0050240082017.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

QUEIROZ, Laércio. A CONTRIBUIÇÃO AFRICANA À CULTURA BRASILEIRA E A SITUAÇÃO DO AFRODESCENDENTE NA CONTEMPORANEIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/revistabemlegal/edicoes-antiores/Vol%2C6%20n.2/a-contribuicao-africana-a-cultura-brasileira-e-a-situacao-do-afrodescendente-na-contemporaneidade-um-relato-de-experiencia>. Acesso 29 abr 2018.

ROGERIOBEIER. **<https://jornalggn.com.br/blog/rogeriobeier/ibge-negros-ganharam-57-do-salario-dos-brancos-em-2013>**. 2014. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/rogeriobeier/ibge-negros-ganharam-57-do-salario-dos-brancos-em-2013>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

SOUZA, Michel Aires de. **O conceito de “Eu” em Freud.** 2010. Disponível em: <<https://filosofonet.wordpress.com/2010/07/12/908/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

SIQUARA, Carlos Andrei. **Ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas ainda encontra resistências.** 2013. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/artigos/16122013/ensino-da-cultura-africana-e-afro-brasileira-nas-escolas-ainda-encontra-resistencia>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

GOIS, Jailza Conceição Alves. **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA DA CULTURA AFRO BRASILEIRA E ÍNDIGENA NA ESCOLA.** 2016. Disponível em: <[file:///C:/User/Downloads/13-13-57-1-10-20170216 \(4\).pdf](file:///C:/User/Downloads/13-13-57-1-10-20170216%20(4).pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2018.

CARDOSO, Salete Rodrigues; FEITOSA, Diane Mendes. **O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NOS CURRÍCULOS OFICIAIS: DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE.** 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/Euziane/Downloads/3776-13301-1-PB.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

SOUZA, Guilherme Muniz de; FICAGNA, Lais Regina Dall'agnol. **DO PRECONCEITO À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.** 2016. Disponível em: <[http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20171006092335.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20171006092335.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

FELDENS, Priscila Formigheri. **PRECONCEITO RELIGIOSO: UM DESAFIO À LIBERDADE RELIGIOSA, INCLUSIVE EXPRESSIVA.** 2008. Disponível em: <[https://www.tjrs.jus.br/export/poder\\_judiciario/historia/memorial\\_do\\_poder\\_judiciario/memorial\\_judiciario\\_gaucho/revista\\_justica\\_e\\_historia/issn\\_1677-065x/v6n12/Microsoft\\_Word\\_-\\_ARTIGO\\_PRECONCEITO\\_RELIGIOSO....\\_Priscila\\_Feldens\\_-\\_ABNT.pdf](https://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucho/revista_justica_e_historia/issn_1677-065x/v6n12/Microsoft_Word_-_ARTIGO_PRECONCEITO_RELIGIOSO...._Priscila_Feldens_-_ABNT.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2018.

FELDENS, Priscila Formigheri. **PRECONCEITO RELIGIOSO: UM DESAFIO À LIBERDADE RELIGIOSA, INCLUSIVE EXPRESSIVA.** 1677. Disponível em: <[https://www.tjrs.jus.br/export/poder\\_judiciario/historia/memorial\\_do\\_poder\\_judiciario/memorial\\_judiciario\\_gaucho/revista\\_justica\\_e\\_historia/issn\\_1677-065x/v6n12/Microsoft\\_Word\\_-\\_ARTIGO\\_PRECONCEITO\\_RELIGIOSO....\\_Priscila\\_Feldens\\_-\\_ABNT.pdf](https://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucho/revista_justica_e_historia/issn_1677-065x/v6n12/Microsoft_Word_-_ARTIGO_PRECONCEITO_RELIGIOSO...._Priscila_Feldens_-_ABNT.pdf)>. Acesso em: 29 abr. 2018.

SOUZA, Guilherme Muniz de; FICAGNA, Lais Regina Dall'agnol. **DO PRECONCEITO À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.** 2016. Disponível em: <[http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20171006092335.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20171006092335.pdf)>. Acesso em: 29 abr. 2018

AQUINO, Felipe. **Aceitar-se para ser feliz.** 2008. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2008/10/20/aceitar-se-para-ser-feliz/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

PANTELIADES, Daniela. **Como o professor pode ajudar a superar questões de preconceito em sala de aula?** 2016. Disponível em: <<https://www.somospar.com.br/como-o-professor-pode-ajudar-a-superar-questoes-de-preconceito-em-sala-de-aula/>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

SANTOS, Jocéli Domanski Gomes dos. **A LEI 10.639/03 E A IMPORTÂNCIA DE SUA IMPLEMENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA.** 1409. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1409-8.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

GUEDES, Elocir; NUNES, Pâmela; ANDRADE, Tatiane de. **O uso da lei 10.639/03 em sala de aula. 1.** 2013. Disponível em: <<http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/205/159>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

TEMES, Graphene. **Educação para a diversidade: 10 anos da Lei 10639/03.** 2013. Disponível em: <<http://observatoriodadiversidade.org.br/site/educacao-para-a-diversidade-10-anos-da-lei-1063903/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

ANDRADE, Ana Luiza Mello Santiago de. **Lei Áurea.** 2013. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/lei-aurea/>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Anália Soria. **Preconceito e discriminação como preconceito e discriminação como expressões de violência expressões de violência.** 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2018.

SOUZA, Eliseu de. **Trabalho sobre o afrodescendente.** 2012. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfQ5IAK/trabalho-sobre-afrodescendente>>. Acesso em: 03 maio 2018.

SILVA, Thais de Oliveira. **A história do racismo. 2016.** Disponível em: <<https://silvinha1792.jusbrasil.com.br/artigos/205769162/a-historia-do-racismo>>. Acesso em: 04 maio 2018.

ARAÓJO, Ilze Arduini de; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins. **DISCRIMINAÇÃO RACIAL EM SALA DE AULA.** 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19120/3/DiscriminacaoRacialSala.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2018.

## **PO – 10: EDUCAÇÃO INDÍGENA NA AMAZÔNIA**

**Andressa Januário**<sup>21</sup> – januarioandressa@outlook.com

**Deizimara Ladeia Lopes** – deizimara@outlook.com

**Ellen Cristina Freitas** – ellencristina72@outlook.com

**Rosangela R.S. Justo**<sup>22</sup> – rsjusto10@gmail.com

### **RESUMO**

Este trabalho aborda as potencialidades e os desafios de se realizar trabalhos com a temática indígena na escola, para efetivação dos conteúdos previstos na Lei 11.645/08, que se refere ao ensino de história e cultura indígena, com ênfase nas suas contribuições na formação do povo brasileiro. Espera-se que este trabalho educativo tenha um papel fundamental para sanar algumas das dúvidas frequentes vivenciadas nas salas de aulas.

**Palavras-chave:** Tabaco, Psicologia, Empoderamento.

**Orientador (a):** Ma. Rosangela R.S. Justo

---

<sup>21</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Licenciatura em Pedagogia - 2018

<sup>22</sup> Faculdade de Pimenta Bueno –Docente

# **PO – 11: CASA DE SAÚDE DO ÍNDIO – CASAI: ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO E OS PRINCIPAIS DESAFIOS DE SUA PRÁTICA**

**Ana Caroline S. Ramos**<sup>23</sup> – ananacarolramos26@outlook.com  
**Mariana de Souza Lopes**<sup>24</sup> – marianalopes28@hotmail.com

## **RESUMO**

Este trabalho tem como finalidade apresentar a Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI gestora dos processos de atenção à saúde indígena em todo território nacional e a atuação do psicólogo na CASAI em Cacoal e os principais desafios encontrados em relação a cultura indígena, por meio de entrevista feita com a psicóloga da referida instituição.

**Palavras Chaves:** Casai, Psicologia, Indígenas.

**Orientador (a) Orientador (a):** Esp. Mariana Souza Lopes

---

<sup>23</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Bacharelado em Psicologia - 2018

<sup>24</sup> Faculdade de Pimenta Bueno- Docente

## PO – 12: CULTURA INDÍGENA NA ESCOLA

**Caroline Estefani Ferreira Alves**<sup>25</sup> –

caroline.estefane.ferreira@gmail.com

**Géssica Queiroz Pacheco** – gessicaqp02@gmail.com

**Mônica Aparecida Siqueira Souza** – mônicajose04@gmail.com

**Jaciel Gonçalves da Costa** – jacielgc@outlook.com

**Joceli Mota Correa da Rocha**<sup>26</sup> – profmotacrocha@gmail.com

**Rosângela Ribeiro da Silva Justo**<sup>27</sup> – rsjusto10@gmail.com

### RESUMO

Os povos indígenas é uma das maiores riquezas brasileiras, pois o conhecimento desses nativos contribuiu de forma abundante na construção da cultura brasileira e na formação da sociedade. Falar dessa temática nas escolas, torna-se fundamental, pelo fato de conhecer melhor a tradição e a história desse povo, como também analisar as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. Vale ressaltar que conforme Silva (2016, p.1) “trabalhar com a história e cultura afro-brasileira e indígena implica uma efetivação das leis 10.639/03 e 11.645/08 como políticas de ações afirmativas para as populações negras e indígenas no Brasil”.

**Palavras Chaves:** Cultura, história e Escola

**Orientador (a) Orientador (a):** Rosângela Ribeiro da Silva Justo

---

<sup>25</sup> Faculdade de Pimenta Bueno – Licenciatura em Pedagogia- 2018

<sup>26</sup> Faculdade de Pimenta Bueno –Docente

<sup>27</sup> Faculdade de Pimenta Bueno –Docente